



Corpo e Linguagem na contemporaneidade

Marina Campos Oliveira, Tiago Cunha Furtado

Resumo: Este trabalho pretende discutir o corpo e a linguagem na contemporaneidade através de uma revisão bibliográfica. Buscamos explorar no trabalho o corpo e a linguagem como codependentes. Conversamos também sobre a dicotomia da atualidade em que o corpo é ao mesmo tempo cultuado e rejeitado. Observamos através de nossa análise que para construção de um sujeito completo o corpo e a linguagem precisam estar em consonância um com o outro.

Palavras chave: Corpo, Linguagem, gesto

Introdução

O conceito de corpo é dependente de para quem perguntamos. Para alguns ramos do estudo, por exemplo, da anatomia, o corpo é um conjunto de sistemas orgânicos. Neste trabalho, investigamos o corpo como linguagem, e a linguagem como corpo.

Vivemos em tempos de simultânea cultuação e negação do corpo, causando separação deste da linguagem. Com este estudo, buscamos acrescentar reflexões em cima da forma que a contemporaneidade lida com o corpo e com a linguagem. Consideramos relevante que nunca seja interrompida a pesquisa em cima deste assunto. Afinal, apesar de muitas vezes negligenciado, o corpo é nossa forma de estar no mundo, é essencial para nosso bem-estar. Enquanto a linguagem é como interagimos com o outro, é crucial para nossa permanência na sociedade.



Metodologia

Buscamos uma análise de textos de Larrossa, Priori e Babel que problematizam o corpo e a linguagem para construção da nossa argumentação. Consideramos os textos destes pesquisadores como base para a construção deste trabalho, e nos apoiamos nas ideias apresentadas a fim de explanar nossas próprias indagações sobre o tema, levantando novas questões que podem ser tratadas em pesquisa futura.

Corpo

É através do corpo que iniciamos nossa jornada de aprendizagem no mundo. Desde nossos primeiros anos de vida, a criança reproduz os gestos dos pais. "O gesto imitado nos liga diretamente ao corpo do imitado. E esse é um modo de aprender." (PAVINI, 2011).

Paviani recorre a Nietzsche para argumentar que o sentido dado ao gesto, os signos criados e a própria linguagem nascem do corpo. Entretanto, não precisamos ir tão longe, apenas observar a forma com que nosso corpo se comporta durante uma conversa, em diferentes idades e culturas.

O corpo é a nossa principal forma de interação com o mundo. Através dele ouvimos, significamos e falamos. De formas verbais e não verbais. Atualmente se defende a dicotomia que separa o corpo e a mente, como se fossem entidades separadas, como se o corpo não fosse mente e vice versa.



Larrosa (2004) aponta uma noção que deveria ser óbvia: não há existência humana que seja independente do corpo. O que nos faz questionar, porque a contemporaneidade insiste em tratar o corpo como um objeto mal quisto?

O mesmo corpo que é celebrado também é rejeitado e obrigado a se formatar em padrões e formas encaixadas de se interagir com o meio. Esse processo chega a ser violento para o indivíduo e contribui para criação do que Larrosa chama de Sujeitos sem linguagem.

Por isso o culto do corpo do mundo contemporâneo é tão doentio como o horror ao corpo de outros tempos. Nossa obsessão pela fabricação e pela exibição do corpo também produz sujeitos sem corpo e corpos sem sujeito. (LARROSSA, 2004)

Como mencionamos acima, a linguagem, de certa forma, nasce do corpo. É ele que atribui afeto a comunicação, e o afeto é o que torna nossa comunicação humana. O corpo guarda nossas memórias e tudo que somos, a maneira que interagimos com o mundo está registrada nele "O corpo é o livro que guarda em suas entranhas autor seu" (PAVINI, 2011)

Separação corpo-linguagem

Já que corpo e linguagem são codependentes, Larrosa (2004) propõe que "Se a negação do corpo mutila humano, essa mutilação também da linguagem.". O autor diz de como na história o sujeito se forma como um sujeito sem corpo, a separação corpo alma é um tema clássico da filosofia na modernidade. O sujeito sem corpo acaba se tornando também um sujeito sem língua. A língua passa a ser vista como uma mera transmissão de informações "sem sombra, sem rugas" (LARROSSA, 2004).



A negação do corpo assim como a negação da língua passa por uma operação de objetificação. Só a partir do momento em que tanto o corpo quanto a língua se tornam objetos manipuláveis do sujeito que deixam de ser parte integrante deles, são negados enquanto tal, e passam a ser seus objetos. Por mais que durante séculos, sob grande influência de uma ética cristã, a objetificação do corpo se deu por meio do controle da sexualidade enquanto algo perigoso, pecaminoso, hoje, depois da revolução sexual do século XX, o corpo continua sendo objeto manipulável do sujeito mas no sentido inverso. O culto ao belo corpo de hoje, muito ampliado imperativo da venda de mercadorias, transforma o corpo de cada um num ornamento, um objeto que pode ser ajustado para alcançar suas formas ideais. De forma semelhante, a língua hoje também se faz como objeto de um sujeito, que também tem sua forma perfeita, a fala sem sotaque, a escrita impessoal.

A língua e o corpo objetificados se fazem também objetos das instituições de ensino, que disciplinam os gestos, e aplainam a fala. Larrosa (2004) identifica essa separação do sujeito do seu corpo e da sua língua, como partes independentes, pré-requisito para formas de dominação.

Referências:

LAROSSA, Jorge, Linguagem e educação depois de Babel. p. 151 a 174 - Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

PAVIANI, N. M. S. Neires Corpo, Linguagem e Educação. Revista CECS v. 1 , n.1, p. 2011. Disponível em:

<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/docorpo/article/view/1301/926>.



PRIORE, M. L. M. A história do corpo e a Nova História: uma autópsia. Revista USP, [S. l.], n. 23, p. 48-55, 1994. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i23p48-55. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26974>. Acesso em: 21 jan. 2021.